

ALFREDO CORTEZ

O LODO

MUSEU NACIONAL
DO
TEATRO

5
A3
6

5528

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO	
SECRETARIADO NACIONAL DE	
INFORMAÇÃO, CULTURA PO-	
PULAR E TURISMO	
I	CENSURA
N	Trato <u>O Lodo</u>
S	Registo <u>5528</u> em <u>31/12/1957</u>
P	Classificado <u>22/1/1957</u>
E	para <u>Teatro da Trindade</u>
C	Decisão <u>Reprovada</u>
ÇÃO DOS ESPECT	

REPROVADA

" O L O D O " 22

Para conhecimento de V. Exa. comunico que a Comissão de Exame e Classificação das Peças de Teatro, criada pelo Decreto de 3 de março de 1957, deliberou manter a decisão tomada quanto à peça "O LODO", de Alfredo Cortez, pela qual a mesma continua proibida, não podendo ser representada em Portugal.

PEÇA EM 3 ACTOS

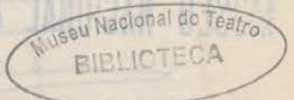
DE

ALFREDO CORTEZ 12

Mais informo que a mesma Comissão, no âmbito do seu trabalho, e requerimento de que essa mesma Comissão solicitava a revisão da referida peça, a importância depositada provisoriamente na Tesouraria do Secretariado Nacional da Informação (Esc. 1.000\$00) - Mil escudos - é considerada pouco, tendo em vista o disposto no Art. 48º do Regulamento Interno daquela Comissão.

A Bem da Nação

TEATRO DA TRINDADE



Oscar de Freitas



SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

INSPECÇÃO DOS ESPECTÁCULOS

Lisboa, 19 de Junho de 1958

Nº. 7.073-Cens.

Arqº. 5.220

Á

Empresa Francisco Ribeiro

Teatro da Trindade

L i s b o a

Para conhecimento de V. Exa. comunico que a Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos, em sessão de 3 do corrente, deliberou manter a decisão tomada quanto á peça "O LODO", de Alfredo Cortez, pelo que a mesma continua proibida, não podendo ser representada em Portugal.

Mais informo V. Exa. que uma vez indeferido o requerimento em que essa empresa solicitava a revisão da referida peça, a importância depositada provisoriamente na Tesouraria do Secretariado Nacional da Informação (Esc. 1.000\$00)- Mil escudos - é considerada receita desta Inspecção ao abrigo do disposto no Artº 48º do Regulamento Interno daquela Comissão.

A Bem da Nação

O INSPECTOR CHEFE

Oscar de Freitas

P E R S O N A G E N S

DOMINGAS CAPELOA - 45 anos -

JÚLIA -..... - 22 anos -

MARIA DA LUZ ... - 21 anos -

MARCOLINA - 60 anos -

SARAH - 25 anos -

MANUEL FACÃO ... - 40 anos -

LOCAL E ÉPOCA DE ACÇÃO

MOURARIA - Actualidade

ACTO I

Sala pobre e desleixada. Janela à direita. Duas portas à esquerda. À direita-fundo porta que comunica com um átrio que dá saída para a rua. Dease átrio, e cortando o fundo em diagonal, da D. para a E., por fora da cena, sobe uma escada para o primeiro andar. Por baixo da escada um vão praticável, aproveitado para arrumações. Uma mesa no primeiro plano, perto da janela, e, sobre a mesa, um candeeiro de petróleo acesas; objectos da costura, etc. O restante mobiliário adequado.

Ao subir o pano Domingas Capelão costura junto da mesa do primeiro plano. Domingas é uma mulher de 45 anos, em cuja fisionomia dura as asperezas da vida gravaram traços fundos de maldade. Veste desquidadamente e põe certo esforço em enfiar uma agulha, tarefa que principia a ser difícil para a sua vista cansada. Ouvem-se passos na escada. PRIMEIRO ACTO Sarah, seguida por um homem que dela ----- a da rua com força.

DOMINGAS

(Ouvindo a porta)-Ah brutal! - (move-se irritada). Depois a Sarah que entrou em cena)-Quantas vezes preciso de dizer que não quero esse barulho com a porta?

SARAH

Diga-lho a eles, é bom!

DOMINGAS

(impondo silencio)-Schini!...

SARAH

(alto)-Como é de fechar por fora sem bater?

DOMINGAS

Schini!... -(em voz abafada)-E tu, não podes fechar por dentro?

SARAH

(sacudida)-Pois sim, rule-se. -(entrega-lhe uma nota. Domingas vai a uma gaveta fazer o troco, guarda uma parte, entrega-lhe o resto e volta a sentar-se e a enfiar a agulha. Sarah, carrancuda, guarda o dinheiro. Depois reparando nos esforços inúteis de Domingas para en-

ACTO I

Sala pobre e desleixada. Janela à direita. Duas portas à esquerda. À direita-fundo porta que comunica com um átrio que dá saída para a rua. Desse átrio, e cortando o fundo em diagonal, da D. para a E., por fora da cena, sobe uma escada para o primeiro andar. Por baixo da escada um vão praticável, aproveitado para arrumações. Uma mesa no primeiro plano, perto da janela, e, sobre a mesa, um candeeiro de petróleo acêso, objectos de costura, etc. O restante mobiliário adequado.

Ao subir o pano Domingas Capelôa costura junto da mesa do primeiro plano. Domingas é uma mulher de 45 anos, em cuja fisionomia dura as asperezas da vida gravaram traços fundos de maldade. Veste descuidadamente e põe certo esforço em enfiar uma agulha, tarefa que principia a ser difícil para a sua vista cansada. Ouvem-se passos na escada do F. e logo surge no átrio Sarah, seguida por um homem que dela se despede, e sai batendo a porta da rua com força.

DOMINGAS

(Ouvindo a porta)-Aí bruto! - (move-se irritada). Depois a Sarah que entrou em cena)-Quantas vezes preciso de dizer que não quero esse barulho com a porta?

SARAH

Diga-lho a eles, é boa!

DOMINGAS

(impondo silencio)-Schui!...

SARAH

(alto)-Como hão-de fechar por fora sem bater?

DOMINGAS

Schui!... -(em voz abafada)-E tu, não podes fechar por dentro?

SARAH

(sacudida)-Pois sim, rale-se.- (entrega-lhe uma nota. Domingas vai a uma gaveta fazer o troco, guarda uma parte, entrega-lhe o resto e volta a sentar-se e a enfiar a agulha. Sarah, carrancuda, guarda o dinheiro. Depois reparando nos esforços inúteis de Domingas para en-

fiar a agulha, muda um pouco de expressão, e por fim, com bom humor) - O seu mau gênio, afinal, é vista curta. Deixe ver. Eu enfio. - (executando) - Talvez assim lhe abaixe a temperatura. Pronto, senhora Domingas Capelôa. - (entrega-lhe a agulha enfiada) - Que se diz? olhe, botas altas, cinzentas alarças, e, na cabeça

olucosa, muitos ganchos. DOMINGAS (resmungona) - Corja!...

(rindo) - Não há de quê. - (vai a um espelho compor o chapéu, e de lá, a encharcar-se em pó de arroz que traz na saca) - A Júlia não veio cá hoje? - (Domingas não responde) - Não veio?

DOMINGAS

(sêca) - Não. Nem cá põe os pés tão cêdo.

SARAH

(vindo até ela) - Zangaram-se outra vez?

DOMINGAS

(com um sorriso nervoso - Empréstei-lhe dinheiro. - (raivosa, mas sempre em voz abafada) - Não sabes como vocês são todas? Muita lamúria, muita promessa, e logo que se apanham servidas, ala! que se faz tarde... Como se ele não custasse a ganhar. Passo aqui os dias e as noites, com a casa toda às vossas ordens...

SARAH

-Essa agora!...

(sagrada) - Schiu!... DOMINGAS

... a aturar-te, e ás mais...

(voltando-se gingona) SARAH ... - (a olhar para a porta E. E.) -

(com mau modo) - Eu já lhe pedi alguma coisa?!

DOMINGAS

E fazes bem em não pedir. Perdias o tempo. Não que ele não cai do telhado, estás enganada, nem o roubo...

SARAH

Que tenho eu com o que a senhora empresta à sua filha?

DOMINGAS

Minha filha!... Minha filha!... Outra como tu e como as mais. Uma cambada!... - (ouve-se bater à porta da rua. Transição. Com bom modo) - Fazes favor, vais abrir?

SARAH

(executa. Depois voltando à cena, com ar trocista) - Nem de enco-

menda... A Júlia.

(ainda arir) - Por nada JÚLIA

(surge no átrio D. F., acompanhada por um homem. É uma autentica "forasteira"; nova, bonita, de chale grosso e felpudo, grossas arrecadas de oiro, botas altas, cinzentas claras, e, na cabeça oleosa, muitos ganchos, com muitas pedras. O homem sobe a escada. Ela ao F., apontando para cima.) - Aí, na primeira porta à esquerda. Eu vou num rufo. - (desce até Sarah e indicando num gesto o homem que subiu.) - Uma Rôla de cachuchos nos gadunhos... Um achado, Sarah! - (vendo a mãe) - Boa noite. - (a mãe não responde) - Mau, mau! Está c' os azeites...

Mas não sou eu. É avião SARAH. - (Júlia acende um cigarro e põe-se a fumar. Parece que sim. Adeus.) - Não ouviste?

JÚLIA

Onde vais? ao canto da boca, cara franzida pelo fumo, faz um sinal afirmativo. Depois SARAH (o cigarro com grande calma) - Ouvi. Dar mais um bordo.

JÚLIA (ida. Mas lá a prognóstica, a sanguinhe Acautela-te. Anda a rusga aí p'ra baixo. Já filaram a Russa e uma malta delas. Eu consegui raspar-me assim por isto... - (marca na ponta da unha. Depois alto) - Também o que me deitasse a mão, lambia... - (sopra uma fumaca. Pequena pausa. Depois, a sacudir a cinza com o dedo minino DOMINGAS o lhe pedi eu no outro dia?

(zangada) - Schiu!... DOMINGAS (quando-a surpreendida) JÚLIA rente mil reis.

(voltando-se gingona) - Olá!... - (a olhar para a porta E. B.) - Pelo visto sempre cá temos o pespêgo... - (com ironia a Sarah, que ao mover-se, arrastou uma cadeira) - Não a acordes, coitada!...

SARAH

(rindo) - Quem?... Porquê? - (pausa) - Oh! - (novamente a observar-se, mas sempre com o olho JÚLIA de não fazer barulho) - Passou-te

A janota da minha irmã. Em a gaja cá estando em casa, tudo isto é puxado ao maior respeito. Muito respeito e muito silencio, que a cavalheira ind' é honrada, e o barulho... pode fazer-lhe mal.

- (riem) - uuhá, descanse. Mas pagar, pago. - (pequena pausa) - Lá o meu DOMINGAS eu estive a botar contas à vi- (levantando-se disposta a pôr termo á conversa; a Sarah) - Porque esperas? tire o pé da lama.

SARAH

(ainda arir) - Por nada.

DOMINGAS

Então rua. E escusas de voltar. Às tres horas da manhã não abro a porta a mais ninguém. - (Sarah pega na saca de mão e sai, pé ante pé, abafando o riso e exagerando muito a obediencia e o cuidado em não fazer barulho. Domingas á filha) - E tu! Não tens lá em cima que fazer? Ou foi para isto que vieste?

JÚLIA

O gajo é dos de esperar. Não se afrepie.

DOMINGAS

Mas não sou eu. É aviar e ala. - (Júlia acende um cigarro e põe-se a fumar com desfaçatez) - Não ouviste?

JÚLIA

(de cigarro ao canto da boca, cara franzida pelo fumo, faz um sinal afirmativo. Depois tirando o cigarro com grande calma) - Ouvi. Mas vocemecê por certo não quer banzé... Acordávamos a princesa e, se fosse a mim, não tinha dúvida. Mas lá a prognóstica, a songuinha o ai-Jesus, tem de sornir o seu sono descansada. - (Domingas move-se numa raiva concentrada, mas domina-se) - Bem, bem! Fixe. Vejo que nos entendemos e é bom, porque também não venho em maré de zagatatas. - (sopra uma fumaça. Pequena pausa. Depois, a sacudir a cinza com o dedo mínimo) - Quanto lhe pedi eu no outro dia?

DOMINGAS

(olhando-a surpreendida) - Quarenta mil reis.

JÚLIA

Quarenta malhos... e já devia vinte e cinco de outra vez e trinta doutra... sem falar em coisas velhas. - (pausa) -

DOMINGAS

(com estranheza) - Porquê? - (pausa) - Oh! - (novamente a enervar-se, mas sempre com o cuidado de não fazer barulho) - Passou-te talvez pela cabeça a ideia de apanhar mais?!...

JÚLIA

Não, senhora. Quero pagar. - (transição) - Não trago a massa aqui na ponta da unha, descanse. Mas pagar, pago. - (pequena pausa) - noutro tom) - Lá o meu mordomo e eu estivemos a botar contas à vida. O negócio vai mal. Isto não rende... e não calha uma ocasião em que se tire o pé da lama.

DOMINGAS (irónica) - É pagares com o que ele ganha.

JÚLIA

(numa raiva contida) - Sei muito bem que não ganha. Quem passou toda a vida a bater sorna, toda, não ia agora botar-se a trabalhar.

DOMINGAS

Podia fazer-lhe mal.

JÚLIA

(olha-a enraivecida, e a mastigar as palavras) - Mal ou bem... não sei... Sei que foi de costas direitas que o conheci, e que, enquanto ele for o meu gajo, não precisa de mudar de vida... E vamos lá p'ra diante, que, se me puxa p'lo badalo, vomito o resto.

DOMINGAS

O resto?!... Que resto?

JÚLIA

Ai quer?!... - (a mãe encolhe-se, já receosa) - Quer? Então oiça, p'r'acabarmos duma vez com as piadas. Antes dele estar comigo não era vocemecê que o sustentava, sem lhe faltar em nada?

DOMINGAS

(enérgica) - Calas-te?! JúLIA

... Não tinha até ralé de o trazer em mais luxança do que as outras?

DOMINGAS

(suplicante e com medo de que se ouça no quarto da E.) - Julia! Cala-te!...

JÚLIA

E lá porque ele a rifou e veio p'ra mim, é sorna, é arrolado, é intruja, é moinante!... Não há defeito que o homem não tenha, c'os diabos!

DOMINGAS

Oh! - (senta-se consumidíssima. Depois, sacudida) - Vai!... Vai!...

MARCOLINA

(criada vulgar de alcoice, já idosa, que desceu a escada e parou ao fundo a ouvir a última parte do diálogo) - O homem está á espera.

JÚLIA